

O QUE SE ESTÁ DIZENDO

Luiz Veríssimo

O Estado de S. Paulo, 11 de outubro, 2001

O Bush não sabia o que estava dizendo quando falou em "cruzada" contra fundamentalistas islâmicos fanáticos logo depois dos atentados. Avisado de que o termo não pegara bem entre muçulmanos não integristas, já que evocava as sangrentas excursões de cristãos da Idade Média para liberar as terras santas e mexia com ódios antigos, não o usou mais. Mas algumas confusões semânticas persistem no noticiário e nas análises da situação, e é sempre bom procurar as origens das coisas, para pelo menos manter a perspectiva, já que é impossível manter a calma.

Recente artigo no *Le Monde* lembrava que palavras como fundamentalismo e integrismo têm origem cristã, e que islamita não é o mesmo que islâmico e muito menos que muçulmano. O fundamentalismo nasceu nos Estados Unidos em 1919, quando pastores protestantes formaram a *World's Christian Fundamentals Association* para defender pontos da fé cristã que consideravam fundamentais, como uma interpretação literal da Bíblia. Até hoje há Estados americanos em que o ensino da teoria de Darwin sobre a evolução humana é proibido, ou só é permitido se o chamado criacionismo, ou a versão bíblica da criação do mundo, for ensinado também.

A palavra "integrisme" apareceu no meio católico da França depois que o papa Pio X condenou, numa encíclica de 1907, o "modernisme", que reivindicava um reestudo dos dogmas da Igreja à luz da ciência. Os adversários mais violentos da revisão se identificavam como "católicos integrais", por defenderem a integridade da sua fé, e eram chamados pelos outros de "integristes".

Fanatismo tem origem mais remota. Vem de "fanum", ou templo em latim, e portanto também tem a ver com religião. Voltaire o chamou de "esse filho desnaturado da religião". E nunca é demais lembrar que o maior exemplo do fanatismo religioso em armas da história moderna, depois das cruzadas, foi a reconquista da Espanha pelos católicos. Naquela vez foram os árabes que se scandalizaram com o jihad cristão.

O sentido das palavras muda com a história. "Integrisme" aplicado ao mundo islâmico é relativamente recente, vem da revolução teocrática do Irã e se refere à pretensão de integrar o social e o político ao religioso, além de recuperar a integridade dogmática da fé muçulmana ameaçada pelo secularismo e as tentações modernas. Islamitas são os islâmicos que vêm na sua religião não apenas uma doutrina, mas uma causa e um princípio coerente de ação, radical ou não. E a história não pára, nem para os fundamentalistas. O Taleban, por exemplo, já está sendo chamado de "neofundamentalista" ou - era inevitável na França, país da semântica como uma das artes sociais - de "pós-islamitas".